

Revista ESPACO

Revista nº 95 - março/2019



APCEF/SP

Fabiana
Pianista e compositora de música erudita e contemporânea. É também uma das fundadoras do grupo de dança contemporânea 'Dança do Corpo'.

Regildênia
Jornalista e escritora. É autora do livro 'A Mulher e o Poder'.

Gislândia
Advogada e escritora. É autora do livro 'A Mulher e o Poder'.

Lugar de MULHER é onde ela quiser!

3º Encontro da Diversidade

www.apcefsp.org.br

Violência contra a mulher: precisamos falar sobre isso

Flat APCEF

Região Santana

Hotel Brasília Santana Gold Flat

Informações e reservas:

- (11) 3017-8306
- flatapcef@apcefsp.org.br



Flat APCEF

Região Paulista

Aguarde
novidades!



Em breve mais uma
opção de hospedagem
na região mais
famosa de São Paulo!

4

EDITORIAL
Em defesa das minorias



5

DIVERSIDADE
Nossa luta é pelo respeito



7

NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM
Tema de Encontro deste ano foi a violência contra a mulher



8

RESPEITO
Mulheres ainda são minoria na gestão da Caixa

17

ENFRENTAMENTO
É preciso superar o medo que apavora e paralisa



16

NINGUÉM MERECE
Mulheres não são vítimas apenas de violência física

SEÇÕES

Retrospectiva	18
APSelfie	22

Expediente

Diretor-presidente

Kardec de Jesus Bezerra

Diretora de Relações Sindicais, Sociais e Trabalhistas

Ivanilde Moreira de Miranda

Diretor Administrativo-Financeiro

Leonardo dos Santos Quadros

Diretor de Patrimônio

Edvaldo Rodrigues da Silva

Diretor de Interior

Carlos Augusto Silva

Diretor Social e Esportivo

Arnold Reigota Perez

Diretor Cultural

Renato Fernandes

Diretor Jurídico

Glauber Nocchioli de Souza

Diretora de Imprensa

Claudia Fumiko Tome

Diretora de Aposentados

Elza Vergopolem

Diretor-executivo

Antônio Julio Gonçalves Neto

Diretor-executivo

Márcio Rogério Troya

Diretor-executivo

Sérgio dos Santos Cabeça

Secretário de Turismo e Lazer

Renato Perez

Secretário de Assuntos Socioeconômicos

Josmar da Silva Correa

Secretário de Comunicação e Mídias Sociais

Flávio Bernardes da Silva

Secretário dos Direitos dos Bancários

Anibal Martins Diniz Júnior

Secretário de Direitos Previdenciários

Valter San Martin Ribeiro

Secretário de Políticas Sociais

André Dias Cambráia Sardão

Secretário de Formação

Amauri Nogueira da Cruz

Secretária de Mulheres Trabalhadoras

Inez Galardinovic

Secretária de Qualidade de Vida

Rosa Maria Ferreira Oliveira

Secretária de Responsabilidade Social

Selma Aparecida Alves

Secretário de Saúde

Jair dos Santos

Textos

Luana Arrais, Raíssa Torres,
Raquel Benini e Tania Volpato

Capas, ilustrações e edição de arte

Claudia Bertholo Tíeri e
Marcelo Luiz de Almeida

Impressão

Bangraf

Tiragem

15 mil exemplares

Associação de Pessoal da

Caixa Econômica Federal de São Paulo (APCEF/SP)

Rua 24 de Maio, 208, 10º andar, República, São Paulo

imprensa@apcefsp.org.br

(11) 3017-8300

www.apcefsp.org.br.

Distribuição gratuita

Editorial

Em defesa das minorias

Dentre as missões da APCEF/SP estão a contribuição com a cidadania e o desenvolvimento da sociedade. Neste sentido, contribuir para a construção de uma sociedade mais humana e justa é fundamental.

A luta em defesa das minorias faz parte da busca por um mundo melhor. Por este motivo, em 2014, foi organizado o primeiro Encontro da Diversidade, na Colônia de Avaré, focado no combate ao preconceito. O segundo encontro, em 2017, escolheu as diferenças como tema. Em 2018, os debates giraram em torno da violência contra a mulher, assunto em destaque naquele ano por conta de acontecimentos como o assassinato da vereadora Marielle Franco, em março, as declarações de Jair Bolsonaro - na época candidato e agora presidente eleito do Brasil -, a campanha nas redes sociais intitulada #elenão e as mais de 300 denúncias de assédio sexual contra o médium João de Deus.

Afirmar que mulheres devem ganhar menos do que homens exercendo a mesma função, que lugar de mulher é na cozinha, que as mulheres provocam, por isso são estupradas, que não têm as mesmas capacidades ou força que os homens, que a educação e a criação dos filhos é obrigação das mulheres, que o homem deve cuidar de todo o dinheiro da casa, que em briga de marido e mulher ninguém mete a colher, que mulher precisa apanhar para aprender... são algumas das tantas afirmações que todo mundo já ouviu da boca de alguém pelo menos uma vez na vida.

Mas será mesmo que é desta forma que se constrói um mundo melhor? Ficar calado, fingir que esse tipo de atitude é normal e que nada irá mudar é uma atitude cidadã? Nas páginas desta revista mostramos mulheres que enfrentaram a sociedade e tiveram a coragem de encarar profissões tipicamente masculinas.

Mudanças acontecem a partir de pequenas atitudes. A APCEF/SP pautou o tema em seus meios de comunicação, organizou um Encontro... agora é sua vez.

Ajudar na arrumação da casa, na preparação da comida, não dirigir palavras grosseiras às mulheres, denunciar um chefe que exclui uma colega, ouvir uma mulher que sofre violência - seja ela de qualquer tipo -, indicar uma entidade que possa ajudá-la é o pouco que cada um de nós pode fazer em busca de mais respeito e de um mundo melhor.

As pessoas são diferentes, isso é fato: umas mais frágeis, outras mais fortes; umas mais claras, outras mais escuras; umas com cabelos lisos, outros crespos; umas com mais maquiagem, outras sem nenhuma; umas gordas, outras nem tanto... Mas todas merecem respeito. E cada um é responsável, sim, por fazer algo por um mundo melhor. Aceitar as pessoas como elas são, sem discriminá-las nem julgá-las... é a parte que cabe a cada um de nós nesta construção.

Que tal cada um fazer sua parte?

*Diretoria Executiva
Gestão Nossa Luta*

Nossa luta é pelo respeito

Encontros realizados desde 2014 debatem temas polêmicos e buscam chamar a atenção dos empregados da Caixa para a realidade triste e cruel das minorias

Nosso país está passando por um momento bastante turbulento, de emoções à flor da pele, brigas e discussões por opiniões extremistas e, o pior, falta de respeito.

Falta respeito pela opinião do outro, pela cor do outro, pelo cabelo do outro, pela condição social do outro, pela orientação religiosa do outro, pela opção sexual do outro, pela roupa que o outro usa, porque o outro é velho, porque o outro usa óculos, porque o outro é gordo, porque o outro é mulher...

A APCEF/SP é uma entidade que luta em defesa dos direitos dos empregados da Caixa e, também, por um mundo melhor. Conversar sobre diversidade, sobre o respeito ao diferente, é uma forma de plantar uma semente em busca de dias menos intolerantes.

Encontros para debater diferenças - O primeiro Encontro da Diversidade para debater o respeito às diferenças aconteceu em 2014, na Colônia da APCEF/SP em Avaré. Um grupo de pessoas reuniu-se para conversar sobre o preconceito contra mulheres e minorias, como negros, índios, idosos, deficientes e homossexuais.

O segundo Encontro da Diversidade aconteceu em outubro de 2017, no clube da APCEF/SP, com o tema “Na APCEF, somos todos diferentes”.

Teve café da manhã vegano, pa-

lestra com o professor Ideraldo Luiz Beltrame, militante da luta contra o preconceito e o respeito às diferenças, e apresentação do grupo de Dança Étnico-Cultural - Espetáculo Cia Lelê de Oyá, que encheu o público de energia ao demonstrar a alegria e a beleza das expressões religiosas e artísticas de origem africana.

A segunda palestrante do encontro, a professora Evânia Maria, falou sobre reconhecer diferenças e promoveu a dança circular. Unidos em um círculo, de mãos dadas, os participantes dan-

çaram celebrando a comunhão entre todos. A última palestrante do dia, a Monja Coen, lembrou que somos todos diferentes e que as diferenças devem ser respeitadas.

Encontro de 2018 - O tema escolhido para 3º Encontro foi “As diferentes formas de violência contra a mulher”. Os debates aconteceram em 10 de novembro, no Centro de Convenções São Luís, na capital.

Veja, na página 7, como foi o 3º Encontro.



Acima, foto do 1º Encontro da Diversidade realizado em Avaré. As demais fotos são do 2º Encontro, em 2017, que contou com palestra da Monja Coen



Tema de Encontro deste ano foi a violência contra a mulher



“As diferentes formas de violência contra a mulher” foi o tema da 3ª edição do Encontro da Diversidade, que aconteceu em 10 de novembro, no Centro de Eventos São Luís, na capital.

O encontro começou com a apresentação de uma cena teatral do grupo Pontos de Fianças sobre a luta das mulheres nos anos de chumbo. Foi contada a história de uma das muitas Marias que foram torturadas e perderam a vida na época da ditadura militar. “Em tempos difíceis e de ameaça de nossos direitos, é importante ‘não soltar a mão de ninguém’. A melhor forma de resistência é acreditar que somos capazes de lutar contra todo tipo de violência”, lembrou uma das atrizes da peça apresentada, aplaudida de pé.

Lei Maria da Penha busca proteger as mulheres - A defensora pública e coordenadora auxiliar do Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos das Mulheres (Nudem), Nalida Coelho Monte, falou, durante o Encontro, sobre a Lei Maria da Penha, o feminicídio e o assédio sexual.

Ela lembrou que o Brasil ocupa a incômoda 5ª posição em um ranking global de assassinatos de mulheres.

O detalhe assustador é que a maioria dos crimes foi cometido por alguém da própria família, no ambiente familiar.

Ela destacou que a Lei Maria da Penha é uma das mais avançadas do mundo no enfrentamento da violência contra a mulher e que possui um caráter muito mais preventivo e assistencial do que punitivo.

Falou ainda sobre a criminalização do feminicídio, da importunação sexual e da violência no ambiente de trabalho. “A Caixa possui pouco mais de 20% das chefias de unidades ocupadas por mulheres, apesar de ter o número de trabalhadores homens e mulheres quase igual. Um ambiente que não valoriza a mulher favorece o assédio”, lembrou a defensora pública.

Mulher tem vergonha de pedir ajuda - A psicóloga e mediadora interdisciplinar, Giselle Câmara Groeninger, lembrou a importância da mulher pedir ajuda e buscar uma rede de apoio para auxiliá-la em situações de violência. “Apesar dos avanços nas leis e do aumento das denúncias, a violência contra a mulher não diminuiu, nem nos países mais ricos e desenvolvidos”, contou.

Giselle lembrou que a maioria dos divórcios é pedido por mulheres e que 1/3 das casas do nosso país são mantidas e gerenciadas exclusivamente por mulheres. “As mulheres que sofrem qualquer tipo de violência precisam, em primeiro lugar, se repensar internamente: o que posso fazer para modificar esta situação? E buscar ajuda. Acomodar-se, esperar por mudanças ou acostumar-se com a violência é um comportamento típico, que precisa ser modificado com urgência”, alertou.

Exposição - Além dos debates, a APCEF/SP organizou uma exposição sobre mulheres guerreiras, que exercem funções tipicamente masculinas.

“Já ouvi relatos de pessoas que se recusaram a entrar em um avião pilotado por uma mulher”, contou a empregada da Caixa e jogadora de futsal, umas das homenageadas na exposição, Glaucia de Souza Marques. “A exposição ficou muito linda, adorei fazer parte”, comentou.

“Somos mulheres e somos guerreiras, ninguém solta a mão de ninguém”, com essa frase, a dirigente da APCEF/SP Selma Aparecida Alves finalizou o evento. ■

Mulheres ainda são minoria na gestão da Caixa

Dados divulgados pela Caixa, referentes a setembro de 2018, evidenciam que o reconhecimento do valor e da competência das mulheres ainda precisa avançar muito.

Dos 4.179 chefes de unidade no país, apenas 1.155 (27,6%) são mulheres. Do total de empregados com função gerencial, 44,6% são mulheres.

A própria diretoria da Caixa (presidente e vices) é um exemplo desta falta de oportunidades. Em seus Conselhos, que tem oito membros, apenas três são mulheres, entre elas, a eleita pelos empregados do banco público (Rita Serrano). Sem contar que, em seus mais de 100 anos de história, a Caixa teve somente duas presidentas: Maria Fernanda Ramos Coelho (2006/2011) e Miriam Belchior (2015/2016).

O Fundo Monetário Internacional (FMI) publicou, em setembro, um estudo sobre a situação das mulheres no mercado financeiro. Para isso, a instituição usou dados de 800 bancos em 72 países, de 2001 a 2013, no caso dos Conselhos, e 115 países, de 1999

a 2017, no caso das agências reguladoras.

Segundo a pesquisa, mulheres representam apenas 2% dos CEOs (chefiam 15 dos 800 bancos analisados) e 20% dos conselheiros. Uma das regiões com piores resultados neste estudo é a América Latina. No Brasil, os dados demonstram que a presença feminina diminui conforme aumenta a hierarquia. No Itaú Unibanco, maior banco do país, não há mulheres entre os 12 conselheiros eleitos em 2017 e, dos 23 diretores, há apenas três mulheres.

Nas demais instituições financeiras, a situação é muito semelhante. No Banco do Brasil, por exemplo, não há mulheres na presidência nem na vice-presidência, que, somadas, têm 10 vagas. Além disso, entre os 27 diretores, há somente três mulheres.

Os números têm mostrado que, apesar de entrarem no banco em um número muito próximo ao de homens, algo ocorre no meio do caminho impedindo que as mulheres cheguem nos cargos de chefia na mesma proporção.


Na Caixa, dos 86.427 empregados, em setembro de 2018, 44,8% eram mulheres e 55,2%, homens.

A situação é ainda mais curiosa quando se leva em consideração a qualificação da população feminina, em geral, com mais anos de estudos. O FMI destaca análise do Credit Suisse que mostra que, no setor, 30% das mulheres são graduadas em economia e 50% são graduadas em negócios.

Em sua conclusão, a pesquisa ainda aponta que os bancos com maior presença feminina em cargos gerenciais e diretorias apresentam melhores resultados do que os que não têm.

O FMI sugere duas explicações para esta constatação: a primeira é que conselhos com diversidade de pontos de vista têm melhor desempenho que os homogêneos.

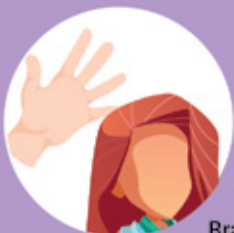
A segunda lembra que, por causa do preconceito, os obstáculos para mulheres no setor financeiro costumam ser maiores, o que pode levar apenas as mais qualificadas e eficientes a superarem estes entraves. ■

 Brasil	Cargo/ função	Homens	Mulheres	Total
	chefes de unidade	3.024 (72,4%)	1.155 (27,6%)	4.179
	com função gerencial	10.137 (55,4%)	8.159 (44,6%)	18.296
	com função não gerencial	18.373 (51,4%)	17.375 (48,6%)	35.748
	sem função gratificada	16.150 (57,3%)	12.054 (42,7%)	28.204
	Total Brasil	47.684 (55,2%)	38.743 (44,8%)	86.427
 São Paulo	Cargo/ função	Homens	Mulheres	Total
	chefes de unidade	645 (62%)	395 (38%)	1.040
	com função gerencial	2.276 (52,3%)	2.075 (47,7%)	4.351
	com função não gerencial	3.672 (50%)	3.670 (50%)	7.342
	sem função gratificada	3.232 (34,8%)	6.068 (65,2%)	9.300
	Total São Paulo	9.825 (44,6%)	12.208 (55,4%)	22.033
	(*) Sem função gratificada	3.232 (53,3%)	2.836 (46,7%)	6.068
	Total São Paulo	9.825 (52,3%)	8.976 (47,7%)	18.801



Brasil registrou 164 casos de estupro por dia em 2017

O Brasil registrou 60.018 casos de estupro em 2017, o que corresponde a uma média de 164 por dia ou 1 a cada 10 minutos.¹



35% das mulheres do mundo são vítimas de violência física ou sexual

Dados da ONU (2013) apontam que 35% das mulheres do mundo são vítimas de violência física ou sexual. No Brasil, de 2011 a 2015, foram registrados 5.733 óbitos de mulheres vítimas de violência. Deste total, 63% dos casos aconteceram dentro de casa e 19% das vítimas tinham histórico de repetição de violência.



O que é feminicídio?

Femicídio é uma palavra nova para uma prática antiga, uma vez que mulheres morrem de formas trágicas todos os dias no Brasil: são espancadas, estranguladas, agredidas brutalmente até o momento em que perdem a vida. A palavra feminicídio passou a ser usada para designar um crime hediondo no Brasil a partir de 2015. Define o homicídio de mulheres como crime hediondo quando envolve menosprezo ou discriminação à condição de mulher e violência doméstica e familiar.

A lei define feminicídio como “o assassinato de uma mulher cometido por razões da condição de sexo feminino” e a pena prevista para o homicídio qualificado é de reclusão de 12 a 30 anos.



Femicídio tornou-se crime hediondo em 2015

No dia 9 de março de 2015, a Lei 13.104 classificou o feminicídio como crime hediondo. O Brasil foi o 16º país da América Latina a prever tal figura.



Crescem notificações de casos de violência contra mulheres no Brasil

O número de notificações de casos de violência contra mulheres subiu de 75 mil em 2011 para 211 mil em 2017. Os números aumentaram porque, desde 2011, existe a obrigatoriedade de notificação de violência doméstica e sexual por parte dos profissionais de saúde e de escolas públicas.



Maloria dos estupros acontece dentro de casa

70% dos casos de estupro no Brasil envolvem vulneráveis. São crianças e adolescentes estupradas por conhecidos: padastros, pais, tios, primos, vizinhos.²



Brasil concentrou 40% dos feminicídios da América Latina

A cada 10 feminicídios cometidos em 23 países da América Latina e Caribe, em 2017, quatro ocorreram no Brasil. Ao menos 2.795 mulheres foram assassinadas na região no período em razão de sua identidade de gênero. Desse total, 1.133 foram registrados no Brasil.³



Ligue 180

É a porta de entrada para a rede de atendimento de mulheres em situação de risco em todo o país. O serviço 180 preserva o anonimato, é gratuito, monitora os equipamentos públicos e faz o levantamento dos registros. Os dados coletados embasam as políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher.

1. Dados do 12º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 2. Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 3. Dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), vinculada à ONU.

Cresce número de mulheres eleitas no Brasil

A quantidade de mulheres eleitas no último pleito (outubro de 2018) ainda não chega perto da representatividade esperada, mas em relação à última eleição (2014) o número subiu consideravelmente. Só deputadas federais, foram 77 eleitas, 26 a mais do que em 2014.

Quando analisamos o número de mulheres negras eleitas, ele é ainda menor, mas também cresceu na recente votação. Em 2019, 15 delas tomarão posse nas Assembleias Legislativas dos Estados. Na eleição anterior, apenas sete foram eleitas.

No Rio de Janeiro, quatro mulheres negras amigas de Marielle Franco (vereadora assassinada este ano) foram eleitas: Talíria Petrone, deputada federal, e Renata Souza, Mônica Francisco e Dani Monteiro - que trabalhavam como assessoras da vereadora -, deputadas estaduais.

Benedita da Silva, que já foi governadora do Rio, seguirá em Brasília como deputada federal.

Na Bahia, pela primeira vez, uma deputada estadual negra foi eleita, a professora Olívia Santana, do PCdoB.

Em Pernambuco, a chapa coletiva Juntas, do Psol, recebeu quase 40 mil votos e vai levar à assembleia legislativa do estado cinco mulheres. Uma delas é Robeyoncé Lima, negra, transexual e a primeira advogada a ter o direito de usar o nome social na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Em São Paulo, outra mulher trans e negra foi eleita: Erica Malunguinho. Ela será a primeira mulher trans deputada estadual paulista. Malunguinho é administradora do quilombo urbano Aparelha Luzia.

Erika Hilton, mulher negra estudante de gerontologia na Universidade

Federal de São Carlos, foi eleita como membro da bancada ativista do PSOL em São Paulo. Ao lado dela estará Leci Brandão. A sambista estará novamente na Assembleia Estadual.

De Minas Gerais sairá Áurea Carolina para ocupar uma cadeira no Congresso em Brasília. A socióloga foi a mulher com o maior número de votos entre candidatos mineiros.

“Embora essa representatividade tenha crescido, ela ainda está muito abaixo do que deveria ser. As mulheres são mais da metade da população, assim como a população negra no Brasil é de cerca de 50%. No entanto, o número de mulheres negras em cargos políticos não chega nem perto dessa proporção”, questionou a diretora da APCEF/SP Claudia Tome. ■



Luiza Erundina, em 1988, foi a primeira mulher eleita para governar a maior cidade da América Latina

Lei Maria da Penha

A Lei 11.340, de 2006, criminaliza a violência física, psicológica, moral, patrimonial e sexual contra a mulher. Estabelece medidas de prevenção, proteção e o atendimento multidisciplinar gratuito. Além disso, cria os juizados especiais de violência doméstica e familiar.



Violência física

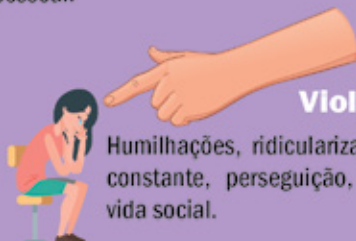


Tapas, socos, chutes, apertar o pescoço, agressões com armas ou outros objetos, queimaduras, amarras, tortura, feminicídio (assassinato).

Mapa do Acolhimento

Em junho de 2016, um estupro coletivo no Rio de Janeiro escancarou o fato de o Estado não dar conta da urgência do combate à violência contra a mulher no país. Diante dessa brutalidade, nasceu o Mapa do Acolhimento.

O www.mapadoacolhimento.org funciona da seguinte forma: mulheres que estejam precisando de acolhimento psicológico ou jurídico em todo o Brasil se cadastram na plataforma. Terapeutas e advogadas que queiram se voluntariar também se cadastram, indicando sua localização e o registro profissional. A equipe do Mapa do Acolhimento checa os dados cadastrados, encontra a melhor combinação e encaminha o atendimento pessoal.



Violência psicológica

Humilhações, ridicularizações, ameaças, vigilância constante, perseguição, chantagens, controle da vida social.

Violência moral

Xingamentos, injúrias, calúnias, difamações (chamar de louca, vadia, prostituta, acusar de traição).



Violência patrimonial

Quebrar celulares e objetos pessoais, rasgar fotos, quebrar móveis, rasgar roupas, estragar objetos de trabalho.



Projeto “Tem Saída”

O projeto “Tem Saída” - parceria da Prefeitura de São Paulo, ONU Mulheres, Ministério Público, Defensoria Pública, Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo e OAB/SP - visa gerar emprego para mulheres vítimas de violência doméstica economicamente dependentes dos parceiros. Prevê encaminhamento das vítimas em qualquer fase do processo para postos da Secretaria Municipal de Trabalho e Empreendedorismo visando que elas trabalhem em empresas parceiras e, assim, superem o vínculo de dependência financeira com os agressores. Informações: www.prefeitura.sp.gov.br/trabalho ou temsaida@prefeitura.sp.gov.br



Violência sexual

Sexo forçado, sexo forçado com outras pessoas, sexo em troca de dinheiro ou bens, obrigar a ver pornografia, impedir o uso de método contraceptivo (camisinha, pílula, etc.), forçar gravidez, forçar aborto.



Violência “virtual”

Divulgar/compartilhar fotos e vídeos íntimos pela internet e/ou redes sociais sem autorização da mulher com o propósito de humilhá-la ou chantageá-la. Utilizar redes sociais e celulares para propagar comentários depreciativos em relação à mulher.



Onde encontrar ajuda

A Lei Maria da Penha determina que o Poder Público deve desenvolver políticas que garantam condições para que as mulheres possam superar a situação de violência doméstica e familiar. Muitos municípios dispõem de programas e/ou serviços especializados em atendimento social, psicológico e jurídico às mulheres em situação de violência.

Em São Paulo existem serviços gratuitos especializados tais como Centros de Referência da Mulher, Centros de Defesa e Convivência da Mulher, Centros de Cidadania da Mulher e Delegacias de Defesa da Mulher.

Se em seu município não existe esse tipo de serviço, você pode procurar apoio e orientação nas Unidades Básicas de Saúde, nos Centros de Referência da Assistência Social ou nos Centros de Referência Especializados de Assistência Social.



Lugar de mulher é onde ela quiser

Regildênia

Árbitra da Fifa

"Comecei a gostar de futebol ainda criança, quando brincava com meu irmão de bola no quintal de casa, na Bahia. Quando nos mudamos para São Paulo, ele fez o curso de árbitro e eu sempre assistia ele apitar os jogos. Por insistência do meu marido na época, fiz o curso também e, inicialmente, meu plano era ser árbitro assistente, os chamados 'bandeirinhas'.

Minha família sempre me apoiou muito, mas a resistência ainda existe por parte de dirigentes que comandam a arbitragem em colocar mulheres para apitar. Nesses 18 anos de arbitragem, o que eu digo é que nós, mulheres, podemos fazer tudo o que nos propusermos a fazer."

Regildênia de Holanda Moura



Paula e Thaysa

Operadoras de trens do Metrô

"Entrei no Metrô em 2002, aos 25 anos, para trabalhar nas estações, na função de bilheteria, fluxo de passageiros e SSO, onde fiquei por 10 anos.

Depois, passei no concurso interno para operadora de trem e, com três meses de treinamento, fui habilitada para atuar nos trens da Linha Azul. Com o tempo, por meio de mais preparo, passei a atuar também nas demais frotas, das linhas E, G, I, J e L. Faz 6 anos que sou operadora de trem e estou muito feliz na função."

Paula Regina dos Santos

"Entrei no Metrô aos 23 anos, em 2012, como antigo agente de estação. Depois de quatro anos na função, prestei concurso interno para operadora de trem, área na qual atuo há um ano, depois de passar por um treinamento intenso.

Sinto-me realizada como profissional e muito bem acolhida na área. As pessoas nas plataformas, inclusive as crianças, ainda se admiram quando veem uma mulher no comando do trem. Cada sorriso que eu recebo, melhora o meu dia. Ser operadora de trem é uma realização e um desafio pessoal."

Thaysa Ferreira





Gislândia

Advogada

"Formada em Direito pela PUC/SP em 1991, fiz pós-graduação em Direito das Relações Sociais (Direito Processual Civil/Ações Coletivas) também na PUC/SP em 2001.

Trabalhei como assessora jurídica no Sindicato dos Bancários de São Paulo na área de Saúde do Trabalhador de 1995 a 2003, época em que participei do Fórum Social Mundial de 2003 com a exposição do painel 'Direitos Humanos, Diversidade e Igualdade - Subnotificação das Doenças do Trabalho'. Desde 1999, atuo como assessora jurídica da APCEF/SP e realizo prestação de serviços aos associados da entidade nas áreas de Direito do Trabalho, Direito Previdenciário e Acidente do Trabalho e Civil (inventários, alimentos, divórcio, consumidor, locação, etc)."

Gislândia Ferreira da Silva

Juliana

Piloto de avião

"Meu nome é Juliana Secchi, vim de uma profissão cheia de mulheres, que é a odontologia, pra voar em um mundo tão masculino que é a aviação...

Mas, para nós, o céu nunca foi limite :)"

Juliana Secchi



Gláucia

Empregada da Caixa e jogadora de futsal

"Meu primeiro contato com futebol começou cedo. Brincava de futebol na rua com meu pai, primos e tios. Na escola, qualquer coisa se 'transformava' em bola, o intervalo das aulas eram sempre preenchidos com jogos disputadíssimos, até soar o sinal.

Com 12 anos entrei na escola de futebol, na APCEF/SP, e não parei mais. Passei pelo Clube do Ibirapuera, Centro Olímpico, Clube Armênio, além de times amadores.

É gratificante pensar que nesses anos em que joguei, consegui quebrar paradigmas de que uma menina não pode fazer o que ela quiser. Seja no futebol ou em qualquer outro lugar em que apenas homem é bem visto, esse tempo acabou. Hoje, a mulher pode sim, ser quem ela quiser e estar onde ela quiser!"

Gláucia de Souza Marques



Joênia

Primeira indígena eleita deputada federal



Joênia Batista de Carvalho, mais conhecida como Joênia Wapichana, é uma advogada brasileira, a primeira mulher indígena a exercer a profissão no Brasil. Joênia é também a primeira mulher indígena a ser eleita deputada federal, nas eleições de 2018.

Atuou na demarcação da reserva indígena Raposa Serra do Sol, além de trabalhar no Departamento Jurídico do Conselho Indígena de Roraima (CIR) e na defesa de direitos de índios à posse de suas terras na Região Norte do Brasil.

Foi a primeira presidenta da Comissão de Direitos dos Povos indígenas da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), criada em 2013.

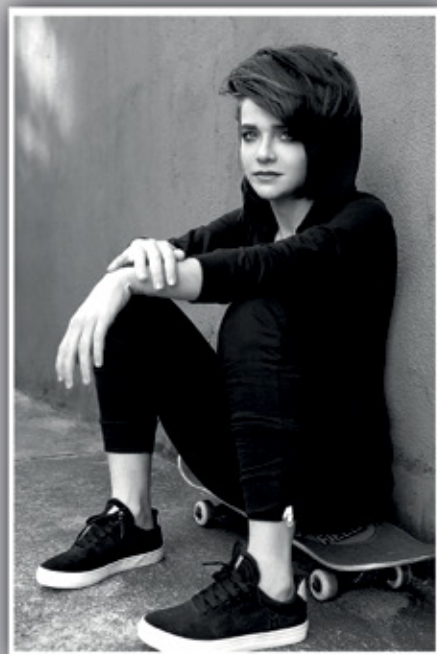
Recebeu, em 2004, o Prêmio Reebok pela sua atuação na defesa dos direitos humanos. Em 2010 foi condecorada com a Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura.

Karen

Skatista

Karen Jonz é uma skatista brasileira, tetra-campeã mundial, artista, música e mãe. Pioneira no esporte, conquistou o primeiro ouro brasileiro feminino nos X Games. Também foi a primeira brasileira a trazer o título de campeã mundial (2005) e campeã brasileira (2012).

Começou a praticar skate com 17 anos. No início, costumava competir na vertical junto com os homens, onde chegou a ser vice-campeã.



Luíza

Primeira prefeita de São Paulo



Luíza Erundina assumiu seu primeiro cargo público no ano de 1958, quando foi Secretária de Educação de Campina Grande, na Paraíba, seu estado de origem. Em 1971 emigra para São Paulo, perseguida pela ditadura militar. Em 1980 participou da fundação do PT (Partido dos Trabalhadores) e em 1982 elegeu-se vereadora da cidade de São Paulo. Quatro anos depois, em 1986, é eleita deputada estadual e, em 1988, elegeu-se prefeita da maior cidade da América Latina, São Paulo, pelo PT, sendo a primeira mulher a assumir o cargo na capital paulista. Em 1993, depois do impeachment do presidente Collor, Luíza Erundina é nomeada ministra da Secretaria da Administração Federal, no governo Itamar Franco. Em 1998, já no PSB (Partido Socialista Brasileiro), foi eleita deputada federal por São Paulo.



Fabiana

*Primeira presidenta da APCEF/SP
e atual diretora da Fenae*

Fabiana Cristina Meneguele Matheus ingressou na Caixa em outubro de 1989, em Bauru (SP). Formada em Ciências Contábeis, Fabiana é pós-graduada em Gestão de Recursos Humanos, Capacitação, Responsabilidade Social e Terceiro Setor. Foi diretora do Sindicato dos Bancários de Bauru/SP (1995/1997). Na APCEF/SP foi diretora de Administração e Finanças (1999/2002) e a primeira mulher a ser diretora-presidente da Associação (2002/2005 e 2005/2008). Foi também presidenta do Conselho Deliberativo Nacional (CDN) da Fenae (2004/2006) e conselheira eleita da Funcef por dois mandatos (2006/2012). Na Fenae também foi diretora de Administração e Finanças. Fabiana foi ainda a primeira mulher a coordenar a CEE/Caixa.

Atualmente é diretora de Saúde e Previdência da Fenae.

Paloma

Youtuber na técnica da construção civil

Paloma Cipriano tem 25 anos e é natural de Sete Lagoas (MG). Possui um canal do YouTube, com mais de 500 mil inscritos no qual ensina técnicas e dicas de reforma e construção. A estudante de publicidade começou a se interessar pela prática quando sua família necessitava de pedreiros para a construção da casa onde moram. Paloma está entre as primeiras mulheres a criar um canal de dicas de construção civil.



Bia

Piloto Stock Car

Primeira brasileira a correr em uma categoria top do automobilismo mundial, a Fórmula Indy, Bia Figueiredo disputa a temporada 2018 da Stock Car. Ela é a primeira mulher do mundo a vencer na Firestone Indy Lights, a única a vencer na Fórmula Renault, a única a conquistar uma pole position na Fórmula 3 e a única a disputar - e a vencer - o Desafio das Estrelas, torneio anual de kart organizado por Felipe Massa. É também a primeira brasileira a conquistar um lugar no grid e a disputar as 500 Milhas de Indianápolis e um campeonato integral da Fórmula Indy.

Mulheres não são vítimas apenas de violência física

“Ana* trabalhou por quase dois anos em um escritório de advocacia, em São Paulo, no início da carreira. Durante esse período, mesmo dividindo as funções com um profissional no mesmo nível que o seu, Ana não tinha salário igual.”



“O salário era sacado e contabilizado todo mês e, mesmo sendo a única com trabalho fixo na casa, Juliana* entregava ao companheiro, que administrava o orçamento doméstico.”



“No começo, Andressa* achou que toda a preocupação do então namorado era demonstração de amor e afeto. Com o tempo, as demonstrações passaram a ser na base do controle - de celular, redes sociais e amigos.”



Nos três casos acima não houve relatos de violência física, nem por isso deixam de se enquadrar em tipos violência contra a mulher.

Quando se fala em violência contra a mulher, é comum as pessoas acharem que está restrita a agressões físicas - tapas, socos, pontapés. Mas o termo, hoje em dia, vai além disso e abrange uma série de ações que ferem a integridade física e moral da mulher.

Segundo o Relatório da Violência,

do Instituto Maria da Penha, a cada dois segundos, uma mulher é vítima de violência: quase 50 mil casos por dia, que englobam agressões físicas e verbais.

As três histórias acima, ainda que diferentes, entram para as estatísticas, capazes de comprovar que, em pleno século 21, a violência contra a mulher ainda é uma constante na sociedade brasileira.

O balanço do Ligue 180 - Central de Atendimento à Mulher - divulgado pelo Ministério dos Direitos Humanos (MDH), comprova com dados alarmantes. De janeiro a junho de 2018, os relatos de violência chegaram a 72.839. A maioria referia-se a agressões físicas, com mais de 34 mil casos. “Ele nunca me bateu, mas o controle que ele exercia sobre a minha vida era desgastante”, contou Juliana. O relacionamento durou quase quatro anos e, durante esse período, a professora de biologia viu sua vida tornar-se apenas uma extensão do então namorado.

“Eu precisava avisar que horas ia sair da faculdade e, caso demorasse, tinha que responder um verdadeiro interrogatório, que acabavam em xingamentos e ofensas pesadas”, emendou.

Pela Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), principal legislação brasileira no combate à violência contra a mulher, há cinco principais tipos de violência: patrimonial, sexual, física, moral e psicológica - sendo esta última relatada por Juliana.

“A Lei Maria da Penha prevê medidas de prevenção e repressão à violência contra a mulher, reunindo aspectos civis, processuais e penais, além de determinar uma série de políticas públicas para garantir a igualdade de gênero”, explicou a coordenadora do

Nudem, Paula Sant’Anna Machado de Souza.

Muitas vezes, as mulheres não percebem que, naquele relacionamento, está ocorrendo controle em demasia, tanto do dinheiro quanto da liberdade em si. Que xingamentos ou ofensas não são normais e que não devem ser tratados desta forma: em suma, que são casos de violência.

Uma situação relembra por Juliana aconteceu durante a graduação quando, ao passar uma tarde na casa de uma colega a fim de realizar um trabalho, seu namorado rasgou o material. “Ele ficou irritado que eu tinha ficado muito tempo fora de casa e, mesmo que eu dissesse que estava fazendo trabalho na casa de uma colega, ele rasgou as folhas”, contou. “Eu era muito nova, ele foi meu primeiro namorado. Não tinha ideia de como agir e de como dar um basta àquela situação”.

Segundo a coordenadora, para combater a violência é necessário primeiro reconhecer que ela ocorre. “Quando falamos em medidas preventivas de violência contra a mulher, um ponto importante para que haja essa prevenção é o das políticas públicas destinadas ao esclarecimento da vítima de violência, a fim de orientá-la quanto aos seus direitos”.

O mesmo pode-se aplicar à Andressa que, mesmo sendo a única com renda fixa no lar, era o marido que detinha o poder sobre o salário dela, como auxiliar administrativa. “Quanto às medidas de repressão, a mulher vítima de violência doméstica poderá procurar a Delegacia da Mulher mais próxima de sua residência para que seja feito o Boletim de Ocorrência e, caso necessário, a solicitação da Medida Protetiva”, reforçou. ■

É preciso superar o medo que apavora e paralisa



Em 1991, mulheres de diferentes países, reunidas pelo Centro de Liderança Global de Mulheres (Center for Women's Global Leadership - CWGL) iniciaram a campanha 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra a Mulher, com o objetivo de promover o debate e denunciar as várias formas de violência contra as mulheres no mundo.

O período escolhido para a campanha é bastante simbólico, já que se inicia no dia 25 de novembro - declarado como o Dia Internacional de Não Violência Contra as Mulheres - e finaliza no dia 10 de dezembro - Dia Internacional dos Direitos Humanos.

Cerca de 150 países desenvolvem esta campanha. No Brasil, é realizada desde 2003, com início em 20 de novembro - Dia Nacional da Consciência Negra - pelo reconhecimento da opressão e discriminação históricas contra a população negra e, especialmente, as mulheres negras brasileiras, que são as principais vítimas da violência de gênero.

Em 9 de dezembro, a Caixa organizou a Jornada do Bem, no clube da

APCEF/SP, em Interlagos, capital, em uma parceria com a Associação do Pessôal, a Agecef/SP e a ONG Moradia e Cidadania.

Cerca de 100 mulheres da comunidade Vila Joaniza atendidas pela ONG Moradia e Cidadania participaram de contação de história, de uma palestra com o tema "Medo" e de atividades de dança.

A psicanalista e empregada da Caixa, Mônica Haragutchi, em conversa com as participantes, lembrou que o medo é bom, pois impede que a gente se jogue em um precipício, por exemplo. Mas há um medo que paralisa, que impede que tomemos uma decisão e mudemos uma situação. "A gente tem medo da violência, principalmente quando é gratuita ou vem de pessoas que confiamos ou amamos", explicou.

Há medo nos relacionamentos, medo do namorado, do marido, de um filho violento, do pai.. Há o medo no trabalho, do chefe mal humorado, do que paga menos, do que discrimina mulheres grávidas ou que têm filhos. Há o medo de se permitir fazer coisas

diferentes, ser jogadora de futebol, piloto de avião ou de Stock Car, árbitra da Fifa, condutora de trens. "É preciso se permitir, viver, curtir a vida", ressaltou a psicanalista (*veja nas páginas 12, 13, 14 e 15, mulheres que enfrentaram seus medos e encararam desafios e profissões dominadas majoritariamente por homens*).

Como enfrentar - Mônica ressaltou, durante a palestra, que é preciso enfrentar os medos, buscar ajuda. "Precisamos identificar o que é ameaça real e o que criamos em nossa mente e buscar ajuda, se necessário, profissional, pessoas que podem nos guiar a sair de situações de violência", explicou. "Pode ser um médico, um advogado ou uma entidade que busca a defesa das mulheres e que ofereça apoio", completou.

"O importante é não deixar que o medo te paralise. Procure entender a situação e tome uma atitude. Fingir que situações de violência são normais e que somos obrigadas a nos sujeitar, certamente não é a melhor solução", finalizou a psicanalista. ■

Muita coisa acontece na APCEF/SP...

Agosto

Campanha Nacional dos Bancários



Bancários da Caixa reunidos em assembleia na Quadra do Sindicato, na capital, aprovam propostas apresentadas pela direção do banco. Acordo de dois anos garantiu reajuste de 5%, PLR Social, Saúde Caixa e promoção por mérito, entre outros direitos.

APCEF de Portas Abertas



Dia 17 teve APCEF de Portas Abertas na sede da APCEF com dicas na organização do guarda-roupa, contação de histórias e comemoração dos aniversariantes do mês.

Campanha Dia dos Pais



“O que você mais gosta de fazer com seu filho?” foi o mote da campanha de Dia dos Pais da APCEF/SP. Entre os participantes, três associados que registraram atividades especiais que marcam o relacionamento entre pais e filhos foram os ganhadores.

Torneio de Xadrez



Nos dias 25 e 26, aconteceu um Torneio de Xadrez Pensado no clube. Foram 15 participantes, entre eles cinco alunos de xadrez do projeto da Associação em parceria com a ONG Moradia e Cidadania.

Corrida em Avaré



A equipe da APCEF/SP foi bicampeã na 3ª edição da Extreme Trail Run, corrida rústica promovida pela APCEF/SP em parceria com a Extreme Eventos, realizada em Avaré, no dia 26 de agosto, em meio à natureza e muito sobe e desce de terra.

APCEF nos Passos da Cultura



111 anos

Dentro da campanha 111 motivos para ser APCEF/SP, os associados contaram suas experiências e histórias como bancário e os 30 sorteados ganharam, cada um, um Fone de Ouvido On-Ear JBL T450BT com Conexão Bluetooth.



Os associados visitaram, em 31 de agosto, o Mosteiro de São Bento e os trabalhos realizados pelos monges, além do city tour pelas ruas e monumentos do centro de São Paulo.

Setembro

Futebol de campo



Todo ano, a APCEF/SP promove uma Copa de Futebol em homenagem a um incentivador do esporte na Caixa. Este ano, o homenageado é José Rocha Filho, o Rochinha. Os jogos começaram dia 23 de setembro e foram encerrados em 9 de dezembro.



A 8ª edição dos Jogos dos Aposentados aconteceu nos dias 29 e 30, no clube da APCEF/SP. Além da confraternização e das disputas esportivas, teve workshop de sucos, aula de dança, massagem...

Jogos dos Aposentados

Talentos Fenaef/APCEF



Dia 15 de setembro, os associados tiveram a oportunidade de soltar a voz na Seletiva Estadual do Talentos Fenaef/APCEF 2018. Cinco associados participaram na categoria Composição e oito, em Interpretação. Os vencedores representaram São Paulo na final do evento em Natal (RN).

Outubro

APCEF nos Passos da Cultura



O APCEF nos Passos Cultura de outubro foi a visita, dia 9, à exposição "Diálogo com o Tempo", na Unibes Cultural, a capital.

APCEF em Movimento



A APCEF/SP organizou, dia 20, um sábado repleto de atividades para os associados, na Subsede de Bauru, entre elas, jogos de futebol, vôlei, basquete e truco, um delicioso café da manhã e um almoço especial com churrasco, além de uma conversa sobre as obras da piscina do espaço. Brinquedos infláveis como touro mecânico, pula-pula, escorregador e as brincadeiras com os recreadores foram as principais atrações para os pequenos, que se divertiram muito com as atividades.

Excursão para Campos do Jordão



Em passeio entre os dias 21 e 23, os associados visitaram as cidades de Campos do Jordão, São Bento do Sapucaí e Santo Antônio do Pinhal, com hospedagem na Colônia da APCEF/SP, jantar da Primavera, escolha do Rei e da Rainha da Primavera, entre outras atividades.

Premiação do Concurso de Desenho



A cerimônia de premiação do 16º Concurso de Desenho Infantil foi realizada na minifazenda Cia dos Bichos, em Cotia, no dia 27. O tema da edição de 2018 foi "A vida no campo".

Novembro

Copa de Xadrez



Dia 2, o clube da APCEF/SP sediou a Copa Franco Montoro de Xadrez, organizado pela Federação Paulista de Xadrez. Foram sete rodadas, com 57 equipes, sendo quatro delas formadas por jogadores da APCEF/SP.

Excursão para Capitólio



Para conhecer o mar de Minas, a cidade de Capitólio, a APCEF/SP organizou duas excursões, a primeira entre 9 e 11 de novembro e a segunda, entre os dias 26 e 29.

Festa Tropical



No dia 17, os hóspedes de Ubatuba divertiram-se ao som da banda Kauze! e uma grande surpresa: dançarinos da Equipe Saloly de Dança fizeram uma performance ao estilo reggaeton, ritmo latino e caribenho.

Festa do Havai



A festa para os hóspedes de Suarão foi dia 24, com uma bela decoração, folhagens, tochas, barco, pranchas de surf e boias, ao som do reggae, das músicas havaianas e sertanejo.

Festa do Chope



Muito chope Brahma geladinho, shows musicais, sorteio de vales-viagem e campeonato de chope de metro fizeram parte da festança no dia 24, no Via Matarazzo, na capital.

Degustação de cerveja artesanal



No dia 14, os associados tiveram a oportunidade de participar, no Espaço Conviver, de uma oficina de degustação de cervejas artesanais.

APCEF de Portas Abertas



O último Portas Abertas de 2018 aconteceu no dia 21, com exposição de produtos dos associados, workshop de idiomas, oficina de bordado, chá da tarde colonial e comemoração dos aniversariantes do mês.

Dezembro

Festa de Natal do CDH Cecom



O clube da APCEF/SP foi palco, dia 10, da entrega de cerca de 300 kits de Natal para as crianças atendidas pelo projeto da ONG Moradia e Cidadania, o CDH Cecom.

Encontro Anual dos Aposentados



Para fazer um balanço das atividades de 2018 e preparar a programação do próximo ano, os aposentados reuniram-se, no dia 5, em um almoço de confraternização no Restaurante Bambu, na capital.

Reunião sobre resolução do governo



Associados debateram, dia 15, os impactos da resolução 25 da CGPAR, que estabelece novas diretrizes para os planos de benefícios de previdência complementar das estatais federais, entre elas, a Funcef.

#APSelfie



Troque pontos do
Mundo Caixa por
*descanso
e lazer*
nos espaços
da APCEF/SP

**MUNDO
CAIXA**

Conheça o Mundo Caixa em:
www.mundocaixa.com.br

TALENTOS

Faça parte cadastrando sua obra
ou apoiando os participantes:
talentos.fenae.org.br



**Movimento
Solidário**

Veja como você também
pode fazer a diferença:
www.fenae.org.br/movimentosolidario



**REDE DO
CONHECIMENTO**

Saiba mais em:
www.fenae.org.br/rededoconhecimento



Convênios

Saiba mais e aproveite em:
www.fenae.org.br/convenios

Programe sua viagem,
solicite seu



BONUS

PROMOCIONAL 2017/2019

e desfrute de
momentos únicos nas
Colônias da APCEF/SP



APCEF/SP



FENAE

Outras informações, acesse: www.apcefsp.org.br

Não tem sentido

ENFRAQUECER &

FATIAR &

REDUZIR &

PRIVATIZAR

A CAIXA

Acesse naotemsentido.com.br e saiba

por que a Caixa jamais deverá ser vendida.



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL